

O Brasil e as Américas em Gilberto Freyre: das veias abertas pela colonização aos veios abertos para o futuro”

*Texto proveniente de debate ou discussão em teoria social
GT 17 - Pensamiento Latinoamericano

Autora: Isabella Mendes Freitas
Doutoranda em Sociologia – IESP/UERJ

Resumo:

O texto apresenta dois argumentos antagônicos do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, que permitem explicar tanto a dificuldade de integração entre as Américas portuguesa e espanhola, quanto os elementos de aproximação em uma narrativa *transnacional*. Primeiramente, será apresentado o argumento de *Casa-Grande & Senzala* (1933), em que as Américas aparecem diferenciadas pelo estado de cultura dos povos nativos e pelos recursos e intenções dos colonizadores. Em contraste, serão apresentados três textos “menores” de Freyre, da década de 1960. Neles, seja na chave do tempo ibérico, seja na ideia de uma *latinidade* relativa ao Cristianismo americano, ou ainda da incorporação topicalizada de elementos europeus, as Américas se aproximam, aparecendo como um complexo capaz de exercer um papel protagônico como alternativas civilizacionais.

Palavras-chave: Brasil, América Latina, Gilberto Freyre.

O título deste texto, que enfatiza, primeiramente, as “veias abertas” da América Latina, sugere uma abordagem, em uma atitude não meramente teórica, mas também política, sobre questões que atingem um determinado grupo de países e povos bastante diferentes culturalmente, mas reunidos sob um mesmo “corpo”, pelo qual se comunicam estas veias. E sabemos que estas estão assim, abertas, há mais de 500 anos: jorram seu sangue desde os mais antigos conflitos indígenas de seus povos nativos. Sabemos também que estas veias sofreram cortes mais frequentes e mais fundos a partir da colonização desta América por europeus. E a partir daí, parece que não paramos mais de sangrar.

Mas as veias abertas podem indicar também cursos, vias, caminhos abertos, como os veios de um rio. E essa, me parece, é uma importante motivação do pensamento social latinoamericano: “a reconstrução alegórica do passado vivente que nos ajuda a compor nosso próprio discurso sobre o que estamos sendo” (RIBEIRO, 199, p.24). Esta citação se refere à noção de “história” que Darcy Ribeiro apresenta no seu Prólogo à edição venezuelana de *Casa Grande & Senzala*¹. Esta definição contém dois elementos importantes para este duplo sentido das veias latino-americanas: o caráter discursivo, portanto narrativo, desta reconstrução do nosso passado; mas também a possibilidade redentora da alegoria.²

O que vou tentar evidenciar aqui é uma determinada construção narrativa a respeito ora da *distância*, ora da *proximidade*, entre o Brasil e esse corpo que chamamos América Latina. Ou seja, vou apresentar aqui dois diferentes argumentos de um mesmo autor que permite explicar, primeiramente, a dificuldade de integração entre brasileiros e a América espanhola; e, em seguida, fatores que nos fizeram próximos de nossos vizinhos, apontando uma crescente aproximação e a possibilidade de construção de uma narrativa transnacional.

¹ A partir daqui, *CGS*.

² Ambos, narração e alegoria, no sentido de Walter Benjamin (1984 e 2008).

Este autor é Gilberto Freyre, que além de ser um clássico para além das Ciências Sociais brasileiras, é o foco dos estudos de minha tese de doutorado em desenvolvimento. A escolha de Gilberto Freyre para abordar esta temática, porém, vai além destes dois motivos: dá-se pela própria complexidade, ou mesmo ambigüidade, que caracteriza este autor, o que nos permite transitar facilmente por aspectos antagônicos das relações entre Brasil e a América Latina. Afinal, voltando à Darcy Ribeiro, “é muito difícil generalizar sobre Gilberto. Cada vez que julgamos apanhá-lo na rede, ele escapole pelos buracos como se fosse de geléia.” (RIBEIRO, 1997, p.13)

Assim, “escapolindo”, é que Freyre foi apanhado neste artigo em dois “movimentos” distintos, que foram distribuídos em subtextos: Em 1) *BRASIL E SEUS VIZINHOS: COMO ÁGUA E AZEITE*, apresento brevemente o argumento presente em *CGS* (1933) em que as duas Américas, espanhola e portuguesa, aparecem diferenciadas pelo estado de cultura dos seus povos nativos e pelos recursos e intenções de seus dois colonizadores. Aqui, portanto, se fazem evidentes as veias abertas no primeiro sentido, o do sangue jorrado pelas colonizações portuguesa, em menor grau, e espanhola. E em 2) *RECONCILIAÇÃO PELA NOSTALGIA OU PELO FUTURO?* apresento o argumento de três textos “menores” de Freyre, publicados na década de 1960, em que as duas Américas se aproximam, em cada texto ao seu modo, apontando, portanto, as veias como caminhos. Os textos são, na ordem em que serão discutidos aqui: um ensaio publicado em inglês “*On the iberian concept of time*” (1963)³; a conferência “Importância dos estudos transnacionais para a compreensão do complexo americano, em geral e em particular, do americano - tropical, de sociedade e de cultura” (1969); e a abertura para uma revista francesa de filosofia e ciências do homem, cujo título do texto, sugestivo, é “Americanidade e Latinidade da América Latina: crescente interpenetração e decrescente segregação” (1966).⁴

1. CASA GRANDE & SENZALA: BRASIL E SEUS VIZINHOS, COMO “ÁGUA E AZEITE”

Não é a intenção principal de *CGS* realizar uma discussão aprofundada sobre a América Latina, tendo em vista a preponderância, naquele momento da sociologia brasileira, de construção de uma narrativa nacional a partir da busca por nossa singularidade. Portanto, é possível fazer apenas algumas inferências sobre o tema a partir da discussão de Freyre, em especial, no capítulo II do livro, *O indígena na formação da família brasileira*.

Este capítulo é aberto com uma frase significativa do argumento freyriano: “Com a intrusão europeia desorganiza-se entre os indígenas da América a vida social e econômica; desfaz-se o *equilíbrio* nas relações do homem com o meio físico” (FREYRE, 2006, 157, grifo nosso). O tema do equilíbrio é fundamental em Freyre para caracterizar o tipo de processo civilizador processado em cada diferente área de cultura, tendo recebido atenção especial não apenas em *CGS*, mas também em *Nordeste* (1939). No capítulo mencionado, o desequilíbrio provocado pelos europeus é definido pelo grau com que o colonizador impõe técnicas e valores de cultura *sem* conciliar os antagonismos existentes entre eles e o povo colonizado. Este desequilíbrio, que implica em uma degradação dos povos nativos, seguirá “ritmos diversos”, conforme dois motivos principais: 1) conforme a diferença regional de cultura humana ou de riqueza de solo entre os nativos – máxima entre os incas e astecas e mínima nos extremos do continente; 2) conforme as disposições e recursos colonizadores do povo intruso.

As variações entre as áreas da América Latina derivariam, segundo Freyre, das diferentes condições de *amalgamento* dos caracteres étnicos e culturais a partir dos contatos. Freyre recorre aqui

³ Traduzido e publicado em português em 1968 sob o título “Sobre o conceito ibérico do tempo”. A partir daqui, será o usado o título em português.

⁴ Estes três textos estão disponíveis na Biblioteca Virtual Gilberto Freyre, na internet no endereço <http://bvgf.fgf.org.br/>.

ao estudioso e colega na Universidade de Columbia, o alemão Ruediger Bilden, que sistematizou uma interpretação sobre essas variações na América Latina em quatro grandes grupos de acordo com estes amalgamentos. Apresento resumidamente estes grupos e suas características definidos no estudo de Bilden “*Race relations in America with special reference to the development of indigenous culture*”, de 1931, conforme citado em *CGS* (cf. FREYRE, 2006, p. 159)

O primeiro grupo seria constituído pelas repúblicas brancas ou brancaranas do Prata e pelo Chile. Nestas regiões, o clima e as condições físicas, além de uma inferioridade quantitativa e qualitativa da cultura indígena na área, teriam favorecido os rumos de uma colonização predominantemente europeia.

O segundo grupo seria tipificado pelo Brasil, “região onde o elemento europeu nunca se encontrou em ‘situação de absoluto e indisputado domínio’” (ibidem, p.159). Segundo Bilden, os portugueses foram aqui “forçados pelo meio geográfico e pelas exigências da política colonizadora a competirem” com os elementos nativos “numa base aproximadamente igual” (Bilden apud FREYRE, idem, p.159).

O terceiro grupo corresponde ao México e Peru, onde o conflito do europeu com civilizações indígenas bastante desenvolvidas resultaram em “justaposição e antagonismo de raças”, e não em “harmonioso amalgamento”. Para Bilden, mais cedo ou mais tarde, as correntes não-europeias acabariam absorvendo a “delgada e anêmica superestrutura e transmutando os valores de origem europeia”(idem).

O quarto grupo seria constituído pelo Paraguai, Haiti e República Dominicana, onde, na mistura, predominou o elemento indígena ou negroide, enquanto a cultura europeia foi, quando muito, um verniz.

O que se percebe com essa divisão apropriada por Freyre é que, com raras exceções, o elemento espanhol encontrou maior dificuldade de penetração nos trópicos do que o elemento português. Para Freyre, isso se daria, de um lado, pelo fato do contato ter se dado entre “uma cultura exuberante de maturidade – europeia [espanhola]– com outra já adolescente”, a nativa (FREYRE, 2006, p.158). Ou seja, encontrando na América espanhola uma cultura em fase de semicivilização, perigosa ao cristianismo e “desfavorável à fácil exploração das grandes riquezas minerais” (ibidem, p.157). Um “povo articulado em império ou sistema já vigoroso de cultura moral e material – com palácios, sacrifícios humanos aos deuses, monumentos, pontes, obras de irrigação e de exploração de minas” (ibidem, 158). Mais ardentes na ortodoxia, confrontados com uma resistência nativa caracterizada por Freyre como “mineral”, os espanhóis apressaram em destruírem, com fúria, os valores indígenas, “a despedaçarem o bronze nativo que tão duramente lhes resistiu ao domínio para entre os estilhaços estabelecerem mais a cômodo o seu sistema colonial de exploração e de cristianização” (ibidem, p.158).

Muito diferente dos espanhóis, os portugueses teriam se defrontado, no Brasil, “com uma das populações mais rasteiras do continente americano”, “quase que bandos de crianças grandes; uma cultura verde e incipiente; ainda na primeira dentição” (ibidem, p.158). Neste sentido, os indígenas do Brasil teriam imposto aos portugueses um tipo de resistência muito diversa a dos incas, astecas e maias. Segundo Freyre, ao contrário daquela resistência mineral, de bronze, em relação ao colonizador espanhol, o indígena das terras de pau-brasil impuseram ao português uma resistência “vegetal”, “sem os ossos nem o desenvolvimento nem a resistência das grandes semicivilizações americanas” (ibidem, p.158). Assim, o índio brasileiro teria se retraído ao contato com o português, segundo Freyre, “por incapacidade de acomodar-se à nova técnica econômica e ao novo regime moral e social” (ibidem, p.158).

O invasor português, por sua vez, era pouco numeroso e, portanto, teve que ir, desde logo, contemporizando com o elemento nativo, servindo-se do homem nativo para as necessidades de trabalho e de guerra, de conquista dos sertões e desbravamento do mato virgem. E da mulher para as

necessidades de geração e de formação de família. O resultado, na concepção de Freyre, é o desenvolvimento de uma civilização marcada por um processo de assimilação ou contemporização, feito docemente e por interpenetração. Sem violência. (cf. FREYRE, 2010, p.230). Esta peculiaridade que aparecerá posteriormente em *O mundo que o português criou* (1940), estendida à toda colonização portuguesa nos trópicos de maneira geral, é vista em *CGS* como algo bastante peculiar ao universo luso-brasileiro, diferindo-o radicalmente do restante da América:

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no máximo de aproveitamento dos valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura advéncia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado. Organizou-se uma sociedade cristã na superestrutura, com a mulher indígena, recém-batizada, por esposa e mãe de família; e servindo-se em sua economia e vida doméstica de muitas das tradições, experiências e utensílios de gente autóctone. (FREYRE, 2006, p. 160)

Um tipo de contemporização, portanto, bastante familiar ao colonizador português, cujo passado acusa a singular capacidade de combinação de contrários, de plasticidade social, de hibridismo cultural e de uma constante ausência de exclusivismo de tipo no passado étnico, seja na península, seja na experiência tropical na Índia e na África. Assim, à resistência de tipo “vegetal” dos nossos nativos une-se o tipo português, definido por Freyre como “um espanhol sem a flama guerreira nem a ortodoxia dramática do conquistador do México e do Peru; um inglês sem as duras linhas puritanas. O tipo contemporizador. Nem ideais absolutos, nem preconceitos inflexíveis” (FREYRE, 2006, p.265).

A figura do colonizador português delinea-se, assim, como uma “figura vaga e imprecisa”, destituída de um contorno ou cor que o individualize entre os imperialistas modernos. Um colonizador que sempre se confraternizou com as raças chamadas inferiores, para o cruzamento e miscigenação. Um tipo de mestiçagem, porém, que segundo a interpretação de Ricardo Benzaquen de Araújo – que já se tornou clássica – é “sincrética mas nunca sintética”, ou seja, “no qual as propriedades singulares de cada povo jamais chegam a se dissolver por completo, guardando indelevelmente a lembrança das diferenças presentes na sua gestação”. (ARAÚJO, 2009, p.201) Daí a afirmação de que a colonização do Brasil se fez “à portuguesa”, ou seja, heterogeneamente quanto a procedências étnicas e sociais.

Esta plasticidade social, esta falta de rigidez nas linhas do caráter, tornaria o português suscetível “a tantas e tão profundas deformações” – que são, por sua vez, diferentes das deformações impostas ao colonizador espanhol. “Não é uma ‘lenda negra’, como a grande, sinistra, que prestigia, mesmo denegrindo, a figura do conquistador espanhol, a que envolve o colonizador português, mas uma tradição pegajenta de inépcia, de estupidez e de salacidade” (FREYRE, 2006, p.266). No espanhol, a deformação é vertical, ou seja, grecoide, exagerada em crueldade, em valentia, “o orgulho em fanfarronice quixotesca” que conserva, porém, a nobreza angulosa do todo. No português, em contraste, a deformação teria um sentido “horizontal”, do achatamento, arredondamento, do exagero da carne; “Seu realismo econômico arredondado em mercantilismo”, “desfigurado em erotismo rasteiro: furor de Don-juan de senzalas desadorado atrás de negras e molecas”. (ibidem, p.266).

O colonizador que mais pendeu para o contato voluptuoso com mulher exótica, o menos cruel de todos, e o que se antecipou aos europeus no burguesismo. Apesar do maior “brilho cenográfico” da colonização espanhola, foi no norte do Brasil, “onde o processo de colonização europeia afirmou-se essencialmente aristocrático”, fazendo-se aqui, o português, “senhor de terras mais vastas, dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da América”, fundando, assim, “a maior civilização moderna nos trópicos” (ibidem, p. 267). Assim é que Freyre distancia a América portuguesa da espanhola, ao caracterizar o encontro de raças no Brasil como algo *sui generis* na chave do equilíbrio de antagonismos, que tem como resultado uma civilização nova e permanente.

2. A AMÉRICA LATINA: RECONCILIAÇÃO PELA NOSTALGIA OU PELO FUTURO?

No que se refere a segunda leva de textos que será aqui abordada, podemos perceber que a virada que se processará entre os dois “movimentos” – o de aproximação e o de contraste entre Brasil e América Latina – parte da diferença de pontos de vista entre os dois momentos. Em *CGS*, em que o objetivo é uma caracterização da especificidade brasileira, o argumento deságua em *diferença*, por estar cimentado na comparação entre América portuguesa e América espanhola. Nos textos de 1960, em que a proposta é a de aproximação política entre os países, o argumento reconstrói a *semelhança* entre essas Américas, sendo a comparação deslocada para a América Latina em contraste com a América anglo-saxônica e/ou colonizadores norte-europeus.

De certa maneira, vou seguir uma espécie de cronologia, não dos textos, mas dos “acontecimentos” abordados nos textos. Começo, portanto, com a análise da colonização ibérica das Américas a partir do século XVI em “Sobre o conceito ibérico do tempo” (1963). Em seguida, passo ao movimento de descolonização ibérica e recolonização britânica das Américas a partir do século XIX, como exemplo de fenômeno transnacional abordado na conferência de 1969. Por fim, passo ao protagonismo dos elementos autóctones da América Latina no século XX, no texto “Americanidade e latinidade da América Latina” (1966). Com essa ordenação, entretanto, o que importa fixar é o caráter discursivo e político dessa narrativa – como foi sugerido na apresentação deste artigo.

Em “Sobre o conceito ibérico do tempo”, Freyre explica o sucesso da colonização ibérica pela peculiaridade da concepção de tempo com que espanhóis e portugueses ocuparam territórios da América, África e Ásia. Se, de um lado, uma noção de tempo pré-industrial, desvinculada da produção e do dinheiro, conferiu aos povos ibéricos desvantagens econômicas em relação aos norte-europeus, a proximidade entre esta noção arcaica de tempo e os valores ameríndios, por exemplo, lhes permitiu grandes vantagens de ordem psicossocial ou psicocultural, no processo de colonização desses povos. Isto porque, a civilização ibérica, em contato com as culturas orientais, africanas e ameríndias, desenvolveram uma atitude em relação ao tempo fortemente afetada pelo mito, pela religião e pelo folclore, em contraste com uma concepção de tempo quase que inteiramente dominada por uma visão científica ou por uma perspectiva de progresso histórico, inaugurada pela Revolução Industrial – mas, diga-se de passagem, antecipada por uma perspectiva também religiosa, puritana, de associação entre tempo e dinheiro. Segundo Freyre, os povos assim afetados por esta visão científica, como os latinos franceses e italianos e os anglo-americanos, consideram que o homem ibérico e as civilizações sob sua colonização se desenvolvem em um ritmo mais lento, impregnada por uma noção arcaica de tempo. Ao passo que, para o autor, estes grupos ibero-tropicais emergem como uma civilização

[c]riativa no sentido em que o homem mais tipicamente ibérico ou hispânico é capaz, assim como somente o homem oriental e primitivo parece ser capaz, no momento, de “começar a cada novo ano, uma existência 'pura', com possibilidades virgens”, como [Mircea] Eliade colocou, em sua análise do que ele considera o “homem tradicional” ou “arcaico”, em oposição ao “homem moderno”. A vantagem deste homem “arcaico” ou “tradicional” estaria, sobretudo, na possibilidade de ser sempre criativo por sua identificação com um tempo que “começa a cada ano novo”, escapando assim de uma história em seu sentido estrito e escapando ainda de uma relação lógica de causa e efeito. Seu tempo é existência ao invés de história. Seu tempo é uma série de rituais míticos, conectados com a renovação da vida – vida qualitativa – ao invés de uma série de atividades valorizadas lógica e quantitativamente. (FREYRE, 1963, p.7; trad. nossa)

Esta concepção ibérica a respeito do tempo, que preserva a relação vital do tempo com a experiência, não teria encontrado hostilidade radical da parte dos povos colonizados, e se traduziu em valores e estilos de vida que combinavam mais espontaneamente com as culturas asiáticas, africanas e

ameríndias. Portugueses e espanhóis se estabelecem – com suas cidades, monumentos, universidades, catedrais – nos espaços tropicais com a mesma grandiosidade e lentidão com que suas naus atravessaram os mares. Percebendo os povos nativos sob as lentes da filosofia medieval da “dupla verdade” – uma verdade objetiva, outra poética – que sugere a interpretação permanente das coisas e das pessoas, através de um lento desenvolvimento no tempo enquanto tríade formada de passado, presente e futuro. Os povos nativos são vistos como potenciais cristãos e civilizados, e é com esta visão “pan-humana” que os povos ibéricos se estabelecem nos territórios não-europeus, acreditando, de maneira mais poética do que científica – ainda que também científica em alguns casos – nas possibilidades de desenvolver culturas duradouras e civilizações permanentes nesses espaços, através do amalgamento cultural.

Neste texto, o pan-humanismo, que caracteriza o desenvolvimento e a interpenetração cultural e étnica entre ibéricos e não-europeus, aproxima portugueses e espanhóis, contrastando-os com outros europeus, especialmente britânicos, franceses e alemães. Estes últimos, em suas relações com outros povos, carregariam uma espécie de “europeicidade” exagerada, que pode ser observada na implementação de instituições especiais ou exclusivas para europeus (como clubes, escolas, esportes, restaurantes, igrejas, jardins, etc.) nos territórios coloniais, o que se tornou uma espécie de “exclusividade sistemática pan-Européia” baseada num “senso – ou, mais do que um senso, um culto, uma *mística*, quase uma religião – do tempo progressivo”. (FREYRE, 1963, p.6, trad. nossa)

Este pan-humanismo que aproxima a América portuguesa da espanhola coloca em evidência não mais a formulação de uma narrativa nacional, mas sim a de estudos – e, por que não, alianças – transnacionais. A maneira pela qual tais estudos, e portanto tal ponto de vista, devem ser conduzidos é detalhado na conferência de 1969, “Importância dos estudos transnacionais para a compreensão do complexo americano, em geral e em particular, do americano - tropical, de sociedade e de cultura”. Nela, o autor trata da importância de uma análise sociológica que não se restrinja a países, mas que se amplie na ideia de áreas de cultura, para compreender o que ele chama de “complexo americano”. Assim, a existência de fenômenos transnacionalmente americanos permitiria – e exigiria – estudos libertos de um estreito nacionalismo ou de um exagerado etnocentrismo – uma faceta daquele pan-humanismo? – permitindo compreender, com sentido continental, as diferentes paisagens sociais aqui formadas e desenvolvidas sob influências sociológicas e políticas. Como exemplo de tais fenômenos e estudos, estariam: a história social dos metais preciosos, do açúcar, do café, do cacau, do milho ou da carne, ou a influência do judeu, do flamengo, do francês, do alemão, do italiano nos diferentes países da América Latina.

Como exemplo deste tipo de investigação, Freyre reserva atenção especial a um desses fenômenos transnacionais, que teria ocorrido no Peru, Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e Paraguai. Este fenômeno seria o da influência inglesa na América Latina.

Vale ressaltar que desde o final da década de 1930, Freyre tinha como preocupação o estudo da presença inglesa no Brasil durante o século XIX, em especial a partir da abertura dos portos brasileiros em 1808. Freyre chegou a escrever um artigo para a revista da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa do Rio de Janeiro, em 1939, e o ensaio *Ingleses* em 1942, sobre o tema. Mas somente em 1948 ele se apeça em sistematizar o assunto no livro *Ingleses no Brasil*, com o “receio de que algum aventureiro [lhe] arrebatasse da mão um assunto há anos namorado por [ele]” (FREYRE, 2000, p.37). O livro seria o primeiro de uma trilogia, que seria completada pelos volumes *Outros ingleses no Brasil* e *Ainda ingleses no Brasil*. Estes últimos nunca foram escritos, apesar do assunto ter continuado a interessar Freyre por anos mais tarde, como evidencia o seu “Apêlo a inglês que guardem papéis velhos”, anúncio publicado na revista *O Cruzeiro*, de 1957, solicitando “a inglês ainda residentes no Brasil [o envio de] cartas, diários, manuscritos, de antepassados ou parentes que tenham estado por algum tempo em nosso País” (FREYRE, 1957). Nos textos que Freyre chegou a publicar, o autor constrói uma imagem dos ingleses como “admiráveis revolucionários contemporizadores” (FREYRE, 2000, p.23),

ao realizarem com certo “anglicismo profilático” adaptações saudáveis na vida cultural e econômica brasileira, tais como a adoção do vidro e do ferro em substituição às gelosias de madeira, o uso dos frescos ternos de brim, de sapatos brancos e do hábito de beber cerveja, ideais para o calor tropical (cf. FREYRE, 1942, p.27). A posição geográfica da Inglaterra permite a Freyre explicar a proximidade entre este universalismo e o insularismo no inglês; o equilíbrio entre estas duas tendências se daria por uma espécie de “nostalgia do todo” causada por sua localização “desgarrada” do restante do continente europeu. A nostalgia do todo impede que este inglês “diabolicamente estreito” viva em “ilhas morais” de pequenos grupos, seitas, clubes, classes, partidos, e se apresente como o mais universal dos homens, o mais extraeuropeu dos europeus – “depois dos hispanos e dos russos”, ressalta Freyre (ibidem, p.46).

Voltando à conferência de 1969, a presença inglesa nas Américas teria contribuído, segundo Freyre, para um movimento de descolonização em relação a Portugal e Espanha, “que de metrópoles criadoras haviam passado a parasitárias” (FREYRE, 1969, p.3). Mas, por outro lado, esta mesma presença seria responsável pela recolonização das Américas em relação a Inglaterra. Uma recolonização vista como positiva por Freyre, na medida em que, em contraste com a decadência e parasitismo ibéricos, a América seria recolonizada

por uma Grã-Bretanha na flor do viço criadoramente imperial e que, tendo favorecido a emancipação política das colônias americanas da Espanha e de Portugal, como quem libertasse moças em idade de casar, de pais excessivamente autoritários, atraiu as novas nações para seu sistema ao mesmo tempo intelectual e econômico de poder, recolonizando-a a seu modo através de pressões financeiras, influências econômicas e penetrações outras de caráter sócio-cultural, desde as literárias às esportivas. (FREYRE, 1969, p.3)

O lado positivo de tal recolonização estaria ainda no fato da Inglaterra aproximar os irmãos separados por explosões de rivalidade econômica ou política. Vários conflitos entre nações hispano e ibero-americanas foram evitados ou prejudicados pela Inglaterra, devido ao grande número de técnicos ingleses na marinha desses países. A presença massiva de engenheiros e técnicos ingleses, bem como da máquina inglesa, teria sido fundamental para essa recolonização conciliadora na América Latina, e se traduziu no amplo uso “da máquina, do motor, da locomotiva, do barco, do engenho de origem ou fabrico inglês e operado por maquinista técnico, engenheiro, operário inglês” (ibidem, p.4) A técnica, porém, influenciou não apenas no plano da máquina, mas também no político, pedagógico e médico, estes planos acompanhados da forte influência intelectual de ensaístas ingleses como Bentham, Stuart Mill e Spencer. O processo de recolonização da América Latina pela Inglaterra, portanto,

importou, em substituição de estilos de vida e de maneiras de pensar político-sociais na América Ibérica: a substituição das janelas de madeiras pelas de vidro, por exemplo; a moderação do poder da Igreja, ligado ao monárquico-patriarcal ibérico, pela influência do liberalismo maçônico chamado francês mas na verdade inglês, principalmente dentro da própria Igreja; a substituição do trabalho escravo pelo aparentemente livre, *à maneira inglesa*. (FREYRE, 1969, p.3; grifo nosso)

Como toda a interpretação de Freyre a respeito dessa maneira inglesa no Brasil e no mundo-ingleses que conservam com o mesmo cuidado com que destroem – a presença inglesa na América Latina não teria implicado, entretanto, em descaracterização da latinidade das culturas nacionais. Afinal, os ingleses também são caracterizados por Freyre, ainda que em uma chave diferente a dos portugueses, como povos contemporizadores, como foi mencionado a respeito dos textos das décadas de 1930 e 1940. O inglês, assim, nunca representou um perigo aos latino-americanos. Para Freyre,

não podia haver antipatia contra um povo que se impusera ao respeito dos hispano ou ibero-americanos através de três, pelo menos, de suas constantes éticas, em contraste com os modos de outros europeus negociar, tratar e conviver com hispano ou com hispano-americanos: ‘palavra de inglês’, ‘hora de inglês’, ‘asseio de inglês’”. (FREYRE, 1969, p.6)

Por isso, teria se preservado entre os povos latino-americanos uma espécie de “nostalgia do inglês”, que faz com que a “arrogância, a ganância e a grosseria inglesas”, ou seja, aquele “hírtio anglicismo” descrito no ensaio *Ingleses*, quase não sejam lembrados “para serem vivamente recordadas a pontualidade, a honestidade inglesa, a excelência do colégio inglês, da governante inglesa, da companhia inglesa de transporte e de luz, da máquina inglesa, do engenheiro inglês” (FREYRE, 1969, p.6). Esta nostalgia indicaria que os ingleses “souberam, como negociantes, médicos, engenheiros, professores encontrar zonas de confraternização sentimental e intelectual com os hispanos da América, em geral, da tropical, em particular” (ibidem, p.7). O inglês, aliás, teria sido seduzido pelo meio latino-americano tornando-se, por exemplo, estancieiro, mas não deixando de comunicar ao gaúcho um de seus anglicismos: a “alteração de passo de corrida de cavalo, à antiga moda gaúcha—que talvez fôsse moda de origem árabe— para o galope chamado longo” (ibidem, p. 7).

O inglês, com outros estrangeiros em menor escala, teria sido, portanto, um elemento ao mesmo tempo perturbador da cultura ibérica, bem como unificador e modificador da paisagem latino-americana, conferindo “traços comuns a paisagens arbitrariamente separadas em paisagens nacionais dentro do complexo hispânico ou ibérico” (ibidem, p.8).

2.1 Americanidade e Latinidade: vias abertas

Haverá então um quarto momento deste processo de colonização-descolonização-recolonização, que é a via da crescente interpenetração. Este é o argumento do texto de 1966, “Americanidade e latinidade da América Latina”.

Retomando o processo descrito, vimos que Espanha e Portugal foram compreendidas por Freyre como metrópoles harmonizadoras, capazes de realizar uma civilização nova nos trópicos nos primeiros anos de colonização. Aos poucos, entretanto, elas teriam deixado de ser metrópoles criadoras para se tornarem parasitárias, como foi abordado no item anterior. Além de sufocarem elementos nativos, elas teriam se estabilizado em grupos sociais aristocráticos que passaram a exercer forças de conservação, de rotina e de inércia – em detrimento ao impulso inicial, de aventura. Neste momento se inicia a intensa imigração de outros europeus para a América, como no caso citado dos ingleses no século XIX, que perceberam no espaço americano um local favorável à arrojos inovadores. No século XX, outros indivíduos percebem a América Latina como um espaço mais livre que suas terras de origem e, portanto, favorável à ascensão social, como foi o caso de imigrantes alemães, italianos e japoneses.

Freyre irá notar, porém, uma nova tendência na segunda metade do século XX: indígenas, mestiços, proletários, camponeses, ou seja, elementos autóctones da América Latina, passariam a desempenhar este papel de inovador e renovador de uma americanidade criadora, inicialmente conferido aos colonizadores ibéricos e em seguida aos estrangeiros. Os modernos meios de comunicação, a ascensão econômica desses grupos, bem como a crescente valorização da tradição, teria despertado estes grupos de uma espécie de “hibernação sociológica”, avivando neles desejos de ascensão e consciência de direitos que não lhes eram concedidos.

A ascensão socioeconômica que poderia ser verificada entre elementos proletários e camponeses, teria estimulado a renovação da literatura, da arte, da filosofia social e das ciências do Homem, pela importância que passa a ser atribuída a temas e a figuras outrora conservados na sombra.

Entre êsses temas, as reivindicações sociais; entre essas figuras, a do ameríndio, a do negro, a do mestiço, a do filho de imigrante, que vêm começando a ser nos últimos decênios, reinterpretadas sob um critério crescentemente valorizador do que representam para todos os nacionais ou regionais a que vinham pertencendo, quase sempre antes marginal. Na literatura brasileira destes últimos decênios, por exemplo, avultam, como figuras por assim dizer heróicas, o Antônio Conselheiro retratado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*; o *Negrinho do Pastoreio*, do conto de Simões Lopes Neto; o *Gaetaninho*, (filho de imigrante italiano pobre),

de Antônio de Alcântara Machado; o *Moleque Ricardo*; de José Lins do Rêgo; o Cristo prêto do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna; a *Gabriela*, do recente romance de Jorge Amado.(FREYRE, 1966, p.4)

Ao atribuir a estes grupos autóctones o papel protagônico na cultura, Freyre acaba por definir de certa forma a *latinidade*, ainda que afirmando a imprecisão e o colorido abarcado pela expressão América Latina. Esta latinidade tem a ver com a forma pela qual as populações rústicas desses países diversos teriam realizado uma interpretação socialmente plástica do Cristianismo trazido à América, unindo valores e estilos latinos de cultura a valores e estilos de culturas ameríndias e, em alguns casos, afro-ameríndias.

Os parentescos que entre a América espanhola e portuguesa na arquitetura, na culinária, na música, na dança, entre outros citados por Freyre, são parentescos que resultam de interpenetrações entre valores latinos e americanos, entre valores eruditos e primitivos, entre valores Católicos e animistas, entre valores europeus e ameríndios ou afro-ameríndios, que estariam sendo processado nessas diferentes áreas da América Latina de modo semelhante: dentro de um estilo de convivência humana que se desenvolveram latinamente nessas áreas americanas.(FREYRE, 1966, p.5)

CONCLUSÃO

Uma chave comum permanece nos textos de Gilberto Freyre analisados neste artigo: a do amalgamento ou interpenetração cultural. Entretanto, esta chave serve à duas interpretações contrárias a respeito da ideia de América Latina.

Em *CGS*, Freyre parte da peculiaridade portuguesa de equilibrar contrários para criar uma ideia de singularidade brasileira. Com este intuito, faz uma dupla diferenciação: contrasta o caráter harmonizador e permanente da colonização portuguesa ao aspecto violento e meramente exploratório da flama espanhola; e contrasta também os povos nativos do Brasil, índios na “infância” do processo civilizador, aos “adolescentes” incas, maias e astecas. Com isto, Freyre, ao mesmo tempo, justifica os dois métodos antagônicos de colonização e cria uma especificidade nacional, que nos torna brasileiros pelo caráter sincrético – mas não sintético – de nossa sociedade.

Nos textos da década de 1960, entretanto, Freyre estende o argumento da contemporização aos espanhóis, primeiramente através de uma concepção de tempo que explica o caráter harmonizador da relação entre ibéricos e ameríndios, e, em seguida, na ideia de uma latinidade, que se refere à maneira com que os povos nativos das Américas absorveram criativamente o Cristianismo.

Com este tipo de caracterização da América Latina, Freyre faz uma inversão da concepção de progresso moderno, ao considerar fracassado o modelo de trabalho e de produção de países desenvolvidos como Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos. A vinculação entre tempo e dinheiro, e portanto uma concepção de tempo mecânica, artificial, estritamente econômica e separada da experiência, teria se tornado, nos dias de hoje, arcaica. Por outro lado, a concepção de tempo ibero-americana, que tem o sentido de uso do tempo como *vida*, e seu modo modelo civilizacional correspondente, aparece como alternativa de processo civilizador. O que traria o paradoxo de tornar-se a América Latina “pós-moderna” (FREYRE, 1966, p.8), no sentido de estar direcionada para um processo civilizador mais lúdico, festivo, além de valorizador da tradição.

Este tipo de sugestão de modelos alternativos ao modo com que o Ocidente moderno direciona o seu processo de civilizador e dos países sob seu jugo é uma constante na obra de Gilberto Freyre. Estaria presente no elogio que faz aos elementos orientais presentes no Brasil colônia e, de maneira complementar, na crítica que faz ao processo de ocidentalização ou reeuropeização ocorrido no Brasil império. A partir da década de 1940, Freyre passa a sugerir narrativas e alianças políticas transnacionais envolvendo o mundo luso-tropical. A partir da década de 1950, com livros como *Aventura e rotina* (1953), *Um brasileiro em terras portuguesas* (1953) e *Novo mundo nos trópicos* (publicado originalmente em inglês em 1959), a “questão Oriente” – assim como, mais tarde, acontecerá com a “questão América Latina” – ganhará um caráter normativo no trabalho de Freyre, na construção de uma imagem para o Brasil, então em disputa. Imagem que foi levada adiante por Freyre no intuito de realçar os caminhos para uma modernização tipicamente brasileira, especialmente pensada em chaves de aproximações e distanciamentos em relação a outros modelos civilizatórios, ou seja, em uma chave “nós e os outros”. Um caminho que será o da conciliação entre tradição e modernidade, entre unidade nacional e regionalismo, que configura um projeto de “modernização conservadora”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador, in: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*, Obras escolhidas. São Paulo, Brasiliense. 1ª edição, 11ª reimpressão, 2008.

_____. *Origem do drama Barroco alemão*. Tradução, apresentação e notas: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo, Brasiliense, 1984.

FREYRE, Gilberto. (1966) *Americanidade e latinidade da américa latina*: crescente interpenetração e decrescente segregação. Biblioteca virtual Gilberto Freyre.

_____. Apêlo a ingleses que guardem papéis velhos. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, 26 jan. 1957. Pessoas, Coisas e Animais. Disponível em Biblioteca Virtual Gilberto Freyre: http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/apelo_ingleses.htm. Capturado em julho de 2013.

_____. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51ª Ed.rev. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Ingleses*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1942.

_____. *Ingleses no Brasil*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Topbooks/UniverCidade, 2000.

_____. *O mundo que o português criou*: aspectos das relações sociais e de cultura do Brasil com Portugal e as colônias portuguesas. São Paulo: É Realizações, 2010.

_____. *On The Iberian concept of time*. Chapel Hill: United Chapters of the Phi Beta Kappa, 1963. P.415-430. Disponível em Biblioteca Virtual Gilberto Freyre: http://www.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/iberian_concept.htm. Capturado em julho de 2013.

RIBEIRO, Darcy. Gilberto Freyre: uma introdução à Casa-grande & Senzala in *Gentidades*. Porto Alegre: L&PM, 1997.